

Thelma Vilas Boas 1967_ artista proponente do Projeto Lanchonete<>Lanchonete, Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes/UERJ na linha de pesquisa Arte, Pensamento e Performatividade, Mestre em Artes Visuais pela EBA/UFRJ, com Especialização em Cinema Documentário pela Fundação Getúlio Vargas/SP, Aluna do fotógrafo Paul Hill na formação Black and White Photography no Peak National Park, Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista/SP.

Prêmios e títulos _ **2024** seu trabalho artístico Lanchonete <> Lanchonete é reconhecido como Utilidade Pública para cidade do Rio de Janeiro _ **2021** recebe a Condecoração pela Ordem de Mérito Cultural Carioca pela Secretaria de Cultura da cidade do Rio de Janeiro _ **2021** Moção Honrosa, Câmara Municipal do Rio de Janeiro pela atuação estético-política durante os dois anos de pandemia _ **2018** recebe o título de Mestre em Artes Visuais pela Faculdade de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro _ **2015** recebe Prêmio Brasil Fotografia com Menção Honrosa Ensaio Multimeios no Espaço Cultural Porto Seguro com seu trabalho NADA INTERESSA MAIS _ **2012** recebe o prêmio Melhor Filme Documentário do Ano pela Fundação Getúlio Vargas pela poética visual *número 193* _ **2000** é vencedora do Prêmio ABIT Melhor Fotógrafa do Ano pelo conjunto de sua produção fotográfica nos anos 90.

Produção bibliográfica _ **1.** VILAS BOAS, T.; desirée simões silva Podem intelectuais escutarem as crianças e mães solo residentes nas ocupações irregulares da Gamboa?, 2024 **2.** VILAS BOAS, T. Insurgências, 2023. **3.** VILAS BOAS, T. Lanchonete <> Lanchonete e Pedagogia de Emergência e do Trauma. livro. Rio de Janeiro: Lanchonete <> Lanchonete, 2023. **4.** VILAS BOAS, T. Sabores dos Saberes. livro. Rio de Janeiro: Lanchonete <> Lanchonete, 2022. **5.** VILAS BOAS, T. Ciclo Selvagem Escolas Vivas, 2022. **6.** VILAS BOAS, T. A VIAGEM DE CHIHIRO. artigo. São Paulo: Casa do Povo, 2020. **7.** VILAS BOAS, T. ESCOLAS DE ARTISTAS: ESCOLA POR VIR. artigo. São Paulo: Revista Select, 2019 **8.** VILAS BOAS, T.; jessica gogan; izabela pucu; bianca bernardo Encontro Internacional Cuidado como Método #2, 2017. **9.** VILAS BOAS, T. Deriva Extraterritorial, O corpo não esquece, 2016. **10.** VILAS BOAS, T. INVISIBLE PATH FOR VISIBLE NEEDS, Tokio, Japão 2016. **11.** VILAS BOAS, T. PARATY IN FOCO, 2005.

Email thelma@lanchonetelanchonete.com

Site <https://www.lanchonetelanchonete.com/>

Instagram <https://www.instagram.com/lanchonete.lanchonete/>

P P K

garrafa / sangue / insurreição

2017

Este trabalho é um objeto liminar: entre a garrafa que alimenta e a garrafa que explode, entre o líquido que nutre e o líquido que sangra. A garrafa com suco de beterraba não é apenas objeto. É corpo, é metáfora, é dispositivo de memória e de insurgência. Carregada de um líquido vermelho que remete ao sangue menstrual, ela convoca a política do que foi historicamente silenciado: o corpo das mulheres, sua dor, seu ciclo, sua potência vital. Ao mesmo tempo, a inscrição do “modo de uso” como se fosse a ativação de um coquetel molotov desloca o campo da intimidade para o da luta coletiva, reconfigurando o imaginário da violência política como gesto simbólico e artístico. Este trabalho está em continuidade direta com a pesquisa da Lanchonete <> Lanchonete, onde a comensalidade, o ato de comer junto, é tomada como campo político. Se na mesa compartilhamos alimento, aqui compartilhamos também a consciência de que o corpo feminino é território de resistência. A escolha da beterraba como material não é arbitrária. O suco vermelho remete ao sangue menstrual, que historicamente foi tratado como impuro, abjeto, perigoso. Como lembra Julia Kristeva em *Poderes do horror*, o sangue é um dos elementos que marca o abjeto, aquilo que ameaça a ordem cultural porque expõe os limites do corpo e da linguagem. No entanto, transformar esse sangue em arte é transformar a abjeção em potência, é recuperar aquilo que foi interditado e devolvê-lo como força política. Nessa mesma chave, Mary Douglas em *Pureza e perigo* nos mostra como sociedades constroem fronteiras simbólicas entre puro e impuro. A menstruação, vista como sujeira, é também fonte de renovação. O P P K tensiona esse lugar de exclusão, inscrevendo o sangue simbólico no espaço público da arte. A garrafa também pode ser lida à luz de Silvia Federici, que em *Calibã e a bruxa* e em seus textos sobre trabalho reprodutivo aponta como os corpos das mulheres, sua sexualidade, fertilidade e sangue foram apropriados pelo capitalismo. A menstruação, invisibilizada, está no centro de uma economia que extrai das mulheres sua energia vital sem reconhecimento. Reinscrevê-la artisticamente como coquetel molotov simbólico é devolver a esse corpo sua potência política, deslocando-o do lugar de exploração para o de insurreição. Há também uma conexão direta com obras feministas históricas que articulam alimentação e política. Judy Chicago, em *The Dinner Party* (1979), transformou a mesa posta em monumento à história invisibilizada das mulheres. Suzanne Lacy, em suas práticas coletivas, fez do ato de cozinhar e comer um espaço de escuta e resistência. Nesse diálogo, a garrafa de suco de beterraba se insere como extensão da Lanchonete: um objeto que não é autônomo, mas parte de uma pesquisa onde a comida e a bebida são mediadoras de encontros, conversas e disputas de sentido. O “modo de usar” impresso na garrafa, ao simular instruções de um coquetel molotov, introduz uma dimensão de pedagogia radical. Como Barbara Kruger, que inscreve frases incisivas sobre imagens, ou Ana Mendieta, que inscreveu o próprio corpo e sangue como vestígios políticos, P P K propõe que o gesto artístico não se limite à contemplação, mas ensine algo: uma forma de resistência. Se trata de reinscrever no imaginário feminista a possibilidade da luta, lembrando que corpos femininos sempre precisaram se defender contraestruturas patriarcais e capitalistas. Nesse sentido, dialoga também com Rita Laura Segato, que denuncia a “pedagogia da crueldade” do patriarcado à qual o feminismo responde com uma pedagogia da vida, mas também com gestos de confronto simbólico. A garrafa é ambivalente: pode nutrir ou incendiar. O líquido vermelho tanto pode ser suco quanto sangue, tanto pode ser alimento quanto arma. Essa tensão é o coração da Pepeka e pensa no corpo e na luta feminista como territórios inseparáveis. P P K quer inserir uma contradição produtiva entre a cozinha e a rua, entre a intimidade e a coletividade, entre o cuidado e a violência. Essa ambivalência no feminismo em reconhecer que o corpo é lugar de prazer e de dor, de vida e de resistência, de mesa compartilhada e de barricada.